

As dimensões do medo

Decorrera mais de uma hora desde que se sentara. Pessoas que nunca antes tinha visto questionavam-no sem que o deixassem contrapor. Outras, que também não conhecia, respondiam por ele, falando de temas que lhe eram estranhos.

Agitou-se na cadeira. Começava a ficar cansado de estar naquela imobilidade. A escuridão cercava-o. Não conseguia identificar nada em seu redor. Esquecera as razões que o tinham levado àquele local. Que o haviam conduzido junto dos que o rodeavam. Distinguia alguns vultos sem rosto, mais próximos de si, sentados, tal como ele. À sua frente, estavam as outras pessoas que falavam dos assuntos que ele não entendia.

Mexeu-se mais uma vez na cadeira expondo o seu desconforto. Estava farto de ali permanecer, sempre calado. Talvez fosse melhor ir-se embora. Não estava a fazer nada de interessante naquele lugar, afogado num oceano de escuridão.

Começou a erguer-se apoiando as mãos nos braços do assento e pondo-se de pé. Um homem que estava de pé, à sua frente, gritou-lhe:

– Quietos!

Deixou-se cair no assento. Surpreendido, mais do que assustado, questionando-se porque não o deixariam partir.

Olhou o homem que falara. Estava mais adiante, apontando-lhe uma arma.

– Quietos! Não volto a repetir! Na próxima vez é a arma que irá falar! Se não me percebes a mim, vais entender o que ela tem para dizer! – Reforçou o indivíduo.

Ficou de olhos escancarados, fitos na arma que ele lhe apontava para o peito.

Porquê? Porque estava a viver aquele pesadelo?

– Confessa que foste tu! – Disse-lhe o homem desconhecido. Depois elevou a voz.

– Confessa! Assume os teus atos!

Fechou os olhos numa tentativa de fuga à realidade que o invadia. Tentou mais uma vez recordar-se das suas últimas ações. Teria feito algo de muito grave? Teria cometido algum crime? Não se recordava. Sempre fora um cidadão exemplar e cumpridor de todas as normas e preceitos. Pagava os impostos, não ultrapassava os limites de velocidade, não queimava os sinais vermelhos, não matava e não roubava. Teria que ser um grande equívoco o que lhe estava a suceder. Um terrível engano. O melhor seria tentar dialogar com quem o acusava.

Não conseguiu iniciar o que pretendia dizer. O diálogo pensado para esclarecimento morreu antes de nascer.

– Confessa, verme!

Se até aí apenas sentira espanto, o medo começava a nascer. Uma sensação de vazio no estômago, que foi trepando pelo esófago, até se enovelar na garganta num nó doloroso. Perdera a voz. Nem que lhe ordenassem para falar, o conseguiria fazer. Não tirava os olhos da arma que silenciosamente o vigiava.

Começou a sentir-se transpirado.

– Foste tu que os mataste, não é verdade? – Perguntou o homem armado.

Abriu a boca, mas as palavras que queria dizer afogaram-se no ar que entrou. Nunca matara ninguém. Nem as moscas matava. Tinha nojo delas.

Suava cada vez mais, criando o incômodo da roupa húmida colada à pele quente.

– Quietos! – Gritou-lhe o homem, – fica quieto!

Não se mexera, mas o homem avisava-o antecipadamente que qualquer movimento estava proibido. Já nem os olhos, parados no espanto e no medo, ousava mexer. Nem com a sua máxima inventiva conseguiria imaginar-se numa situação tão absurda. Seria um sonho? A ideia aliviou-o. Decerto que era um sonho. Um sonho mau. Dentro de momentos acordaria e tudo voltaria a ser normal e simples.

Pensou em beliscar-se para ver se sentia dor, ou se a dor o acordaria. Não teve coragem de se mexer, perante a arma e o rosto de olhar ameaçador. Meteu a língua entre os dentes, apertou, apertou, apertou... e começou a doer-lhe. Afinal não era um sonho. Estava a acontecer-lhe de verdade. Era tudo real. Estava a ser acusado de um crime que não cometera.

– Foste tu que os mataste! Eu sei que foste tu! Matares uma mulher e duas crianças a sangue frio, ... assassino! – A voz soava firme, mostrando convicção.

Descobrira finalmente qual era o crime de que o acusavam. A tomada de consciência do absurdo em que se sentia mergulhado deu-lhe a coragem necessária para gritar.

– Não fui eu! Não fui eu!

– Chiu! Calado! – Ouviu numa voz de irritação enfadada atrás de si.

Recordou então que não estava sozinho frente ao homem que o acusava. Já se tinha esquecido dos vultos que vislumbrara anteriormente. Decerto que estavam todos

combinados, ou então não o teriam mandado calar. Deveriam fazer parte do conluio que o acusava.

Sentia-se perdido. Começava a perceber o que significava perder a esperança. Era o condenado a caminhar no corredor da morte, rumo ao cadafalso. Sentia que iria morrer naquele lugar. Que se esvairia em sangue perante a insensibilidade de todos os que o rodeavam.

Deixou-se afundar um pouco mais na cadeira, como se com esse gesto se pudesse esconder do homem que o acusava.

– Sabes que vais morrer? – Disse o homem da arma com um esgar de raiva na face.
– Aproveita os teus últimos instantes da vida. Da vida que não mereces viver!

Começou tremer e a chorar. Primeiro numa lágrima temerosa e depois num convulsivo choro silencioso. Não entendia. Nada fizera para merecer tal castigo. Queria limpar as lágrimas que rolavam por sob os escuros óculos salgando o rosto, mas não conseguia mexer os braços.

– Não tremas! És um covarde! Não vou sentir pena de ti, tal como tu também não sentiste deles quando os mataste. – Bateu-lhe a voz nos ouvidos, causando-lhe dor como um chicote a bater numa ferida aberta.

Não conseguia parar a tremedeira. Tinha medo. Não queria morrer. Não queria ser morto por algo que não fizera. Morrer inocente do crime de que o acusavam. Morrer acusado de um delito que não cometera.

Viu o homem apontar a arma cuidadosamente para o seu coração. Viu o dedo curvar-se sobre o gatilho, numa lentidão agonizante... curvar-se, curvar-se... e... ouviu a detonação.

Expirou o ar que os seus pulmões continham – nem ele sabia há quanto tempo se esquecera de respirar – quando não sentiu nada. O homem falhara. Iria disparar novamente? Quase de certeza. Escapara uma vez, mas dificilmente escaparia da próxima.

O homem virou-lhe as costas. Parecia ter desistido. Viu-o afastar-se, caminhando lentamente, com a arma pendendo-lhe da mão que roçava a anca.

Alguém acendeu as luzes. Olhou em redor e viu os vultos tomarem formas bem definidas, levantando-se das cadeiras onde estavam sentados. A sessão de cinema em três dimensões terminara.